

O futuro do cinema

DIVULGAÇÃO

PEDRO ANÍSIO

Especial para o JORNAL DE BRASÍLIA

Mais recursos, mais fomento, mais infra-estrutura são ingredientes necessários que determinam a construção de uma verdadeira indústria do audiovisual no Distrito Federal.

No Brasil, importantes segmentos do setor produtivo fracassam por falta de atitudes empreendedoras e ousadas.

A indústria brasileira deixa com isso de somar significativos pontos percentuais ao Produto Interno Bruto. Infelizmente, falta visão estratégica aos homens públicos, os que têm a missão de transformação - ou não.

Quando o matemático grego Arquimedes pediu: "Dê-me uma alavanca que eu erguerei o mundo", estava sugerindo a intervenção do homem sobre a natureza para desencalhar uma embarcação que estava por naufragar. Uma simples alavanca, uma lei da física, transformou

gens da cadeia produtiva, no contexto do Programa de Promoção do Desenvolvimento Econômico e Sustentável do Distrito Federal (PRO-DF). O atual modelo do Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal está esgotado.

Em 2001, o Pólo de Cinema do Distrito Federal completa 10 anos. Na década de 80, já era uma bandeira da classe cinematográfica de Brasília. No governo do José Aparecido de Oliveira, com o apoio do então secretário de Cultura, Fernando Lemos, iniciou-se uma batalha que culminou com criação do Pólo, no Governo Roriz.

Quem não se lembra da disputa entre os moradores do Gama e Sobradinho, no Clube do Servidor, para sediar o Pólo de Cinema e Vídeo?

Nestes 10 anos, vários filmes foram realizados com recursos do Pólo.

Hoje, passados 10 anos de sua criação, constata-se o quanto o Distrito Federal mudou. Somos hoje cerca de 2 milhões de habitantes e uma taxa de desemprego elevada que precisa ser controlada. É neste novo contexto que devemos avaliar a importância do setor audiovisual.

A autonomia administrativa para o Pólo de Cinema é imprescindível. Como um anexo da Secretaria de Cultura, haverá sempre a limitação orçamentária, a escassez de recursos. Esta vinculação não é nefasta, embora não seja uma boa-

tanto para a Secretaria de Cultura quanto para os realizadores.

Com a autonomia, uma infra-estrutura mínima de equipamentos de sons e imagens, e um estúdio cinematográfico profissional, os realizadores teriam condições de finalizar seus filmes aqui mesmo no DF, com orçamentos reduzidos.

A inexistência de regularidade nos editais de produção deve ser substituída por uma política anual, que destine recursos sistemáticos, tanto para a produção de filmes de curta e longa-metragem, como também para a finalização de projetos realizados com recursos pró-



CONVERSA PARALELA, filme dirigido por Pedro Anísio

prios.

Ainda no contexto do Pro-DF, o GDF deve atrair, por meio de incentivos fiscais, empresas do setor cinematográfico, tradicionalmente instaladas no Rio de Janeiro e São Paulo, como a Kodak, Fuji, Labocine, Mega, Casablanca, entre outras. Estas empresas, além da geração de dezenas de empregos, certamente proporcionam a atração de produções do Brasil e do exterior para o Distrito Federal.

O espaço físico destinado ao Pólo de Cinema é um ativo do cinema brasileiro e por isso mesmo deve ser ocupado por produtoras, instituições públicas, empresas privadas, organizações do terceiro setor do segmento cinematográfico e, sobretudo, por uma distribuidora de filmes nos moldes da Rio Filme.

Poder-se-ia também convidar para se instalar no Pólo de Cinema ou nas suas imediações, atividades correlatas, empreendimentos bem-sucedidos, como, por exemplo, o parque temático

Terra da Mônica, de Maurício de Sousa, ou até mesmo manter sempre abertos, para a visitação pública, cenários, figurinos e adereços utilizados por produções aqui realizadas.

Todos estes mecanismos, agregados a uma política de educação para mídia, com oficinas de artes e ofícios, transformam um projeto à beira da falência em uma fonte de geração de riquezas.

Estamos diante de um novo desafio, de uma oportunidade histórica.

Brasília, que gerou o mais importante Festival de Cinema do Brasil, tem a oportunidade inequívoca de construir o futuro. Nem Hollywood, nem Cataguzes, apenas um ideal, o de ver Brasília no Cinema.

Pedro Anísio é cineasta, sociólogo e mestre em comunicação pela UnB. Realizou dezenas de vídeos e filmes como *Conversa Paralela*, *Fig-Meu-Anjo*, *Escrevendo Certo Por Linhas Tortas*, *Cinema Hai Kai*, *Além do Cinema do Além* e *Explosão Aborigine*, entre outros. Atualmente representa a classe cinematográfica no Conselho de Cultura do Distrito Federal.

DEBORA AMORIM



a humanidade e serviu para inúmeras aplicações.

Dêem-nos uma alavanca, para que possamos desencalhar a produção cinematográfica no Distrito Federal, segmento este capaz de gerar emprego, renda e tributos para os cofres públicos.

Uma política cultural ancorada na dependência estatal estará invariavelmente sujeita a falência, por esta razão recomenda-se uma profunda revisão do papel do Estado no que diz respeito ao incentivo à cultura.

O Executivo e o Legislativo devem encarar a produção cinematográfica no Distrito Federal como uma das engrena-